EDUCAÇÃO CRÍTICA E PRÁXIS SOCIAL: A PARTICIPAÇÃO DE FAMÍLIAS DE ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA NO PROCESSO DE INTERVENÇÃO-FORMATIVA NA ESCOLA DO CAMPO

Irineu Aliprando Tuim VIOTTO FILHO, FCT/Unesp.

Fabiane RIZO SALOMÃO, Toledo Prudente Centro Universitário.

Jeferson FERREIRA DE LIMA, FCT/Unesp.

Marisa de Fátima DA LUZ, FCT/Unesp.

Eixo temático: Eixo 08 - Educação e Movimentos Sociais

Agência Financiadora: FAPESP- PROEDUCA processo nº 2022/06907-7

tuim.viotto@unesp.br

Resumo

Este trabalho tem financiamento da FAPESP e da SEDUC/SP e seu objetivo é construir conhecimentos científicos aliados ao processo educativo-formativo em uma Escola pública do campo, localizada em Assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) na região do Pontal do Paranapanema/SP. Para isso, desenvolve a metodologia de pesquisa intervenção-formativa como proposta de ação junto aos sujeitos participantes do processo, com o objetivo de desenvolver consciência crítica dos mesmos, pela via da apropriação de conhecimentos científicos, tendo a Pedagogia histórico-crítica e Psicologia histórico-cultural como base desse movimento educativo humanizador e emancipatório. O processo de pesquisa tem sido desenvolvido desde o ano de 2022 e tem apresentado resultados no que concerne a organização coletiva dos pais e familiares dos estudantes da escola e sua participação no processo de construção de uma escola do campo numa perspectiva de escola-comunidade histórico-crítica.

Palavras-chave: Pesquisa intervenção-formativa. Processo formativo de familiares. Educação e escola do campo.

1. Introdução

Este artigo apresenta um processo de pesquisa intervenção-formativa que toma o método materialista histórico dialético (MHD) como seu escopo teórico e metodológico fundamental, pois visa analisar e compreender a realidade de pais/familiares de estudantes da escola do campo nas suas condições objetivas e contradições, com vistas à transformação qualitativa do seu processo de compreensão da realidade escolar e seu papel na formação de sujeitos críticos e conscientes. Nesse processo de pesquisa

a realidade escolar e dos familiares dos estudantes precisa ser compreendida no seu movimento dialético e apreendida nas suas múltiplas determinações sociais, humanas, históricas e culturais. A escola torna-se espaço social para se compartilhar experiências e conhecimentos acerca da realidade, assim como, de apropriação de conhecimentos essenciais para a construção da consciência crítica dos sujeitos, desde os estudantes e seus pais e familiares que participam da escola.

Para a efetivação do processo de intervenção-formativas junto aos familiares dos estudantes, deve-se, inicialmente, tomar medidas cautelosas na forma de abordar os sujeitos, cuidar das relações sociais numa perspectiva dialógica e encaminhar, paulatinamente, o processo de trabalho coletivo. Segundo nossa compreensão, o MHD pode contribuir para a apreensão das múltiplas determinações presentes na vida dos sujeitos e totalidade da escola e da vida dos familiares, pois trata-se de um método que orienta o pensamento dos pesquisadores acerca da compreensão fidedigna da realidade com vistas à realização de uma intervenção devidamente planejada e que atenda às necessidades dos sujeitos.

No processo de intervenção-formativa realizado com os pais/familiares participantes da escola, focamos o processo de compreensão de sua realidade por meio de visitas aos lotes das famílias, conversas informais e encontros formativos nas dependências da escola, aos sábados, pois é o dia da semana de melhor condição para aglutinar várias famílias para participação.

Nesse movimento de formação histórico-dialético, defendemos que a humanização é construída por meio da apropriação da cultura produzida historicamente, sendo que o acesso aos conhecimentos elaborados e advindos da ciência, favorecem a motivação e participação dos sujeitos, sobretudo quando se discute situações relacionadas a vida no assentamento.

Para Viotto Filho (2018), a pesquisa intervenção-formativa configura-se por ações coletivas “in loco” na escola e Centro comunitário, voltadas para o enfrentamento dos problemas presentes no cotidiano escolar. O processo de intervenção foi efetivado por meio de encontros periódicos, com objetivo de proporcionar uma formação diferenciada, consciente e crítica, alicerçada no trabalho coletivo orientado pelos pesquisadores da universidade.

Os sujeitos participantes do processo de pesquisa intervenção na escola (pais e familiares de estudantes), quando conscientes do seu papel e organizados coletivamente, poderão contribuir para a efetiva transformação da escola e relações sociais e educativas realizadas, com objetivo de contribuir para uma educação

humanizadora que supere a alienação presente na sociedade, nos próprios assentamentos rurais e na escola, engendrando um movimento social educativo de transformação da realidade escolar e familiar na direção da construção da autonomia dos sujeitos participantes do processo, desde pais e familiares, mas também os professores que participam do processo na escola.

Reconhecer que a educação é determinada pela sociedade capitalista é fundamental para se constatar e se indignar com a realidade, além de ser um importante passo para a compreensão e efetivação de um processo de pesquisa intervenção-formativa. Concomitante a isso, há que se considerar que essa determinação capitalista não é absoluta, mas relativa e na forma de ação recíproca, pois, mesmo que determinada, a educação enquanto produção humana, também pode reagir sobre o determinante, e contribuir para a construção de uma nova sociabilidade com vistas a formar os sujeitos que realizarão as transformações sociais (Saviani, 2011).

A escola, para além de uma concepção fatalista, que a concebe exclusivamente como um espaço de reprodução da ideologia dominante, tem a possibilidade de ser um espaço de resistência e emancipação da classe trabalhadora, sendo que a participação da família na escola torna-se princípio fundamental de transformação. Para tanto, é imprescindível que os pais/familiares compreendam o papel histórico-social da educação escolar e identifiquem as possibilidades de se construir coletivamente e desde o interior da escola, para a efetivação de uma proposta educativa comprometida com a transformação social.

Ao se constatar e se indignar com os elevados índices de desigualdade e exclusão social em nosso país, assim como, com a baixa qualidade do ensino oferecido para as crianças e jovens das classes populares e trabalhadoras da cidade e do campo que frequentam as escolas públicas, encontramos variadas justificativas para tal situação, fato que evidencia o absoluto descaso e negligência do Estado para com a educação escolar e a escola pública brasileira.

Considerando tais condições e dificuldades para a efetivação de um ensino de qualidade, sobretudo quando pensamos na formação de sujeitos críticos e conscientes, defendemos a importância do MHD como possibilidade de análise, investigação, intervenção e transformação da realidade escolar. A dialética, conforme nos afirma Novack (2006), se propõe a compreender os fenômenos sociais e humanos em movimento, pois apresenta-se como a lógica da transformação e desenvolvimento constante e contínuo da realidade. Lefebvre (1975, p.174) nos afirma que “se o real está em movimento, então que nosso pensamento também se ponha em movimento e seja

pensamento desse movimento. Se o real é contraditório, então que o pensamento seja pensamento consciente da contradição".

Afirmamos, portanto, que não é possível compreender a escola pública de forma geral e a escola do campo especificamente, assim como a realidade vivida pelos pais/familiares dos estudantes da escola do campo, sem realizarmos uma análise crítica que supere a visão abstrata produzida por pensamentos imediatistas, cotidianos e empíricos da realidade, fato muito presente na vida dos familiares que vivem no/do campo. É nesse sentido que o processo de intervenção-formativa realizado na escola e voltado para a integração dos pais/familiares na vida cotidiana da escola, pode contribuir para a transformação da consciência desses sujeitos, colocando-os ao lado da escola para juntos, pensarem possibilidades educativas mais adequadas para a realidade dos seus filhos e vida no campo.

Salientamos que toda a realidade, seja ela natural, humana ou social/institucional, encontra-se em constante movimento de transformação. A realidade, portanto, não deve ser compreendida apenas no plano quantitativo e descritivo, como propõem as metodologias positivistas, pelo contrário, há que se utilizar instrumentos de apreensão do movimento dialético que toma a realidade empírica (visível) como ponto de partida e base dos procedimentos de investigação e intervenção. Conforme afirma Novack (2006, p.62):

> Se a realidade está sempre mudando, concreta, cheia de novidades, fluente como um rio, movida ao influxo de forças opostas, então a dialética, que pretende ser um autêntico reflexo da realidade em termos lógicos, tem que adotar as mesmas características [logo] o pensamento dialético deve ser concreto, variável, sempre arejado e fluido como um riacho.

É nesse sentido, portanto, que os membros do GEIPEEthc (Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Teoria Histórico-cultural) tem desenvolvido processos de pesquisa que se caracterizam como atividades de intervenção-formativa no interior de escolas públicas da cidade e do campo (Viotto Filho, Nunes, Santos, Felix, 2018), sendo que a participação dos familiares se torna importante nesse processo.

Considerando a realidade da escola do campo e dos sujeitos dela participantes, se faz necessário, como afirma Vieira Pinto (1979, p.201), identificar e compreender as "relações profundas exigidas para a explicação das coisas e defrontar-se com as relações internas dos fenômenos, entre si e com a totalidade do processo de que decorrem". Em função disso, no desenvolvimento de um processo de intervenção-formativa, os pesquisadores buscam se aproximar dos sujeitos com o objetivo de conhecer sua realidade concreta, para que o processo formativo seja orientado de forma

planejada, consciente e crítica, com vistas à transformação dos pensamentos e consciência dos sujeitos que poderão, organizada e coletivamente, transformar a realidade.

A efetivação desse processo, requer, obviamente, a transformação das relações sociais, da visão de mundo dos sujeitos, da relação com a educação e a escola, assim como, requer a constante formação numa perspectiva não-cotidiana, para que os sujeitos participantes do processo, sejam eles pais e familiares, como também os professores e gestores da escola, não sejam tragados pelo cotidiano alienado/alienante e consigam, por meio do encontro, do estudo e ações configuradas como práxis, garantir o seu processo de desenvolvimento numa direção humanizadora e não alienada, como normalmente acontece com a maioria dos indivíduos que estão mergulhados na vida cotidiana.

Outra questão importante a ser enfatizada é que a realidade escolar e dos pais/familiares que se apresenta na sua forma imediata e observável, não é a "verdadeira realidade", mas apenas sua parte mais direta e superficial. Para se avançar ao mero conhecimento fenomênico e empírico da realidade dos sujeitos da pesquisa intervenção-formativa, há que se realizar o encontro efetivo, presencial, vivencial na escola, inicialmente, pois é a escola que aglutina as famílias e, posteriormente, essa relação tornar-se-á familiar e comunitária, explorando os espaços das famílias particularmente e também os espaços comunitários do assentamento rural, para encontros de maior participação com várias famílias de sujeitos assentados, ou seja, primamos pela efetivação de relações *in loco* na escola e nas casas dos pais/familiares, no sentido de se construir uma relação significativa com os sujeitos e chegar em uma leitura aprofundada da sua realidade.

2. Processo interventivo-formativo voltado aos pais/familiares de estudantes do campo

Na efetivação de um processo interventivo-formativo há que se garantir, inicialmente no interior da escola e, posteriormente, nos Centros comunitários e em cada casa de família em particular, um trabalho comprometido ética e politicamente com o processo educativo-críticos desses sujeitos. Esse processo que se configura como um movimento social que nasce na escola e se amplia para o assentamento e sujeitos assentados, implica encontro verdadeiro e solidário, diálogo compreensivo, discussão teórica e estudos, ações solidárias e comprometidas ética e politicamente com o processo de emancipação da classe trabalhadora. O trabalho de intervenção-formativa foi coordenado pelos pesquisadores da universidade e contou com os educadores da escola comprometidos com o processo, - os quais também deverão ser objeto de

intervenção em momento distinto na escola - e deve dirigir-se para a resolução dos problemas da escola e, ato contínuo, para a resolução dos problemas encontrados no assentamento e dificuldades vividas por determinadas famílias em particular, de forma a aglutinar os sujeitos do processo (pesquisadores, educadores da escola e pais/familiares) em torno da valorização da solidariedade, do respeito, da compreensão mútua e recíproca, em um movimento em que todos os participantes do processo sejam reconhecidos como sujeitos sociais de importância para a melhoria da qualidade de vida no campo, e com oportunidades de avançar no seu processo de aprendizagem, desenvolvimento e humanização.

Segundo Viotto Filho (2018, p.33), a finalidade do trabalho de pesquisa intervenção-formativa relaciona-se à investigação e compreensão da "realidade escolar [e das famílias participantes da escola] por meio da própria escola, a fim de transformar as relações sociais e o trabalho educativo nela realizado", com vistas ao desenvolvimento humano e social numa direção emancipadora.

Nesse sentido a escola torna-se espaço comunitário de aglutinação dos sujeitos da comunidade escolar e, simultaneamente, espaço de formação para além do cotidiano, por possibilitar acesso a situações de estudo e reflexão científica, histórica e cultural sobre a realidade, sendo que todos os sujeitos participantes do processo, desde os professores e gestores da escola e os pais/familiares, como também os estudantes, possam avançar à sua vida cotidiana e vivenciar situações de aprendizagem significativa para suas vidas, para que possam agir conscientemente como sujeitos históricos que, além de lidar com os problemas cotidianos (da escola, do assentamento e das suas próprias famílias) encontram possibilidades de transformar a sua consciência por meio da ação prática coletiva aliada à apropriação teórica de objetivações genéricas críticas.

Assim, "há que se conciliar investigação da realidade, estudo e trabalho prático-teórico coletivo" junto a escola e junto às famílias dos estudantes da escola, para se ampliar as possibilidades de construção da consciência crítica dos sujeitos da pesquisa, isso por meio de ações que envolvam encontros informais dialógicos nos assentamentos e junto às famílias, organização de festas e comemorações comunitárias no assentamento, momentos de estudos teóricos e reflexões formais na escola para uma compreensão ampliada e crítica da realidade cotidiana com vistas à transformação dessa realidade que se apresenta na vida dos sujeitos assentados, como também, que se faz presente no interior da escola do campo.

A realização da pesquisa intervenção-formativa, portanto, não acontece da universidade para o campo, de forma hierárquica e fragmentada, mas efetiva-se no trabalho coletivo, colaborativo e dialógico estabelecido com os sujeitos ao longo do

processo. Assim, os pesquisadores e sujeitos da pesquisa não tem a intenção de resolver problemas imediatamente tão logo tais problemas sejam identificados, mas sim, precisam conviver, se conhecer, construir confiança mútua, respeito, solidariedade, laços afetivos de amizade, para que possam juntos e comprometidos ética e politicamente uns com os outros, construir estratégias de enfrentamento e superação das dificuldades, apoiados em laços efetivos e conhecimentos críticos que possibilitam a leitura da realidade concreta e contraditória para que, juntos, possam enfrenta-la solidariamente.

Considerando as reflexões de Kosik (1999) pode-se compreender que a "verdadeira" essência da realidade do indivíduo ou seja a sua realidade concreta, deve ser encontrada no seu movimento, a partir de profundas reflexões críticas sobre a realidade, relações e inter-relações históricas e sociais e apropriações culturais. Isso implica que, para se conhecer concretamente os sujeitos do processo de pesquisa intervenção-formativa, não basta o contato imediato e circunstancial próprio do cotidiano, mas sim, o estabelecimento de relações sociais com significado social para os sujeitos da pesquisa e permeadas por compromisso ético, respeito à condição objetiva de vida e de trabalho no assentamento e participação na escola, fato que implica uma escolha axiológica (valorativa) por parte dos pesquisadores na luta por transformações das condições concretas de vida e trabalho dos sujeitos do campo.

Por fim, é importante destacar que no Estado de São Paulo, os assentamentos do MST e as respectivas escolas de assentamentos da região do Pontal do Paranapanema/SP, embora desde sua origem, em meados da década de 1990, façam parte do Programa da Reforma Agrária, ainda não conseguiram subsídios significativos e atenção devida de políticas de melhoria das condições de trabalho, saúde e educação, sendo que a maioria das 6 mil famílias assentadas que perfazem um total de, aproximadamente, 30 mil pessoas morando em lotes assentados, vivem em situação de pobreza, embora a grande maioria se sinta satisfeita e realizada por possuir um lote para conseguirem sustentar e educar os seus filhos pelo cultivo da terra, pois é a agricultura familiar e de subsistência que predomina na região.

Apesar das iniciativas adotadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) na região, sobretudo por meio do setor de saúde e educação, para garantir acesso a serviços básicos para a população de sujeitos assentados, ainda há muito o que se fazer para se avançar na luta por melhoria da qualidade de vida, trabalho, saúde e educação no Pontal do Paranapanema/SP, sendo que a pesquisa intervenção-formativa, ainda que de forma limitada, tem contribuído para esse objetivo ao desenvolver-se junto aos pais/familiares que vivem no/do campo, assim como, junto aos professores, gestores,

outros educadores e estudantes da escola do campo e junto aos sujeitos do campo.

3. Desenvolvimento

Na procura da apreensão da realidade concreta em seu movimento, os membros do GEIPEE, com apoio da gestão e professores da escola, se inseriram em vários espaços do assentamento e da escola, para dialogar com os sujeitos assentados pais/familiares dos estudantes da escola, assim como, com os professores envolvidos no processo de intervenção-formativa, realizando diálogos, encontros, estudos e outras atividades coletivas envolvendo os pais/familiares ao lado dos educadores da escola e também os estudantes, para enfrentar os problemas da escola, do assentamento e das famílias de assentados em particular, para juntos e solidariamente, pensarem, planejarem e agirem na solução de tais problemas, preparando-se coletivamente para esse processo, orientados pelos Encontros de intervenção-formativa realizados pelos pesquisadores do GEIPEE na escola e junto a comunidade de assentados da Reforma Agrária do Pontal do Paranapanema/SP.

A partir dessas observações, diálogos e discussões, foram levantados problemas urgentes a serem enfrentados e solucionados da escola e, ato contínuo, das famílias de estudantes da escola, no sentido de construir um processo grupal solidários envolvendo os sujeitos interessados e em condições de participar solidariamente do processo. Tais problemas identificados, discutidos e enfrentados coletivamente, de acordo com a sua urgência, sendo que o grupo-comunidade (Heller, 2000) se formava pela orientação dos pesquisadores e de acordo com as possibilidades de participação de cada sujeitos.

À luz da Pedagogia histórico-crítica e Psicologia histórico-cultural, assim como, considerando os pressupostos metodológicos de ação junto aos sujeitos da comunidade presentes na Pedagogia Freireana e Pedagogia do Movimento Sem Terra do MST, foram realizados estudos, rodas de conversa, círculos de cultura, comunidades dialógicas, tanto na escola quando no Centro comunitário do Assentamento e também em algumas casas de sujeitos assentados, dentre outras atividades coletivas como festas e comemorações no assentamento e na escola, com a finalidade de aglutinar os sujeitos para o enfrentamento e resolução dos problemas identificados e passíveis de solução a curto, médio e longo prazo. O processo de identificação dos problemas, estudos de reflexão teórica e planejamento de ações tiveram início no ambiente escolar e, posteriormente, estendeu-se para o Centro comunitário do assentamento e algumas casas de sujeitos assentados, para garantir a participação da maioria dos sujeitos de forma voluntária e solidária e comprometida com a escola e famílias assentadas.

Para atingirmos os objetivos definidos para o trabalho com os sujeitos da pesquisa, atuamos em conformidade com os preceitos do MHD, como apregoa Marx (2011), de forma a compreender o processo ontológico da realidade dos sujeitos, as relações e processos não imediatamente perceptíveis, mas que formam a totalidade onde as manifestações dos sujeitos sociais (linguagens, comportamentos, pensamentos, sentimentos e consciência) são produzidas. Esse processo, como sabemos, não acontece espontaneamente e tampouco a curto prazo e individualmente, trata-se de processo de colaboração coletiva, permeado pela construção de vínculos afetivos e compromisso ético com/entre os sujeitos, e que acontece a médio e longo prazo.

Torna-se importante compreender que o processo de transformação da consciência dos sujeitos participantes do processo de pesquisa intervenção-formativa, passa, necessariamente, pela compreensão da sociedade na sua totalidade, e por isso os estudos e reflexão crítica são necessários, assim como, são necessárias ações práticas de enfrentamento dos problemas, desde a organização para se consertar a cerca de determinado lote de uma família de assentados que o vento derrubou, como para se construir uma horta na escola para se garantir legumes e vegetais saudáveis para os estudantes na merenda, ou mesmo para se organizar a festa junina da escola, ou a feira na escola para venda de produtos agroecológicos produzidos nos assentamentos, ou uma competição entre os estudantes na quadra da escola no final de semana, uma passeata na cidade para se reivindicar programas municipais para a agricultura familiar, dentre outras atividades práticas que requerem organização e participação coletiva e solidária dos sujeitos participantes do processo interventivo-formativo.

Os encontros de estudo sempre acontecem no interior da própria escola, à depender das possibilidades dos sujeitos participantes do processo, de forma a garantir a presença dos pais/familiares. Muitas vezes acontecem aos sábados pela manhã, seguido de almoço coletivo preparado pelos próprios sujeitos do processo. Uma questão importante das escolas de assentamento, é que muitos professores são oriundos de famílias assentadas e tem relação significativa com o contexto do campo, os quais, na sua maioria, se solidarizam aos sujeitos assentados, por se reconhecerem como assentados, e contribuem sobremaneira para com a efetivação do processo de intervenção-formativa e, notadamente, contribuir para os encontros de estudos teóricos na escola. Importante registrar que dos encontros teóricos foram construídos “Cadernos didáticos de Intervenção-formativa”, com linguagem adequada para atender os sujeitos assentados, sem abrir mão da transmissão dos conhecimentos científicos, enfatizando os conhecimentos construídos a partir de pesquisas realizadas na região do Pontal do

Paranapanema/SP, pois muitos pesquisadores da UNESP-Presidente Prudente realizam pesquisas naquela região, cujos textos são objeto de estudos nos Encontros realizados na escola.

Enfim, nesse processo interventivo-formativo voltado aos pais/familiares de estudantes do campo, defendemos que o caminho para se conhecer a realidade e nela intervir conscientemente, passa pela apropriação de conhecimentos teóricos, com vistas a movimentar o pensamento teórico-conceitual dos sujeitos, assim como, passa, simultaneamente, pela realização de ações práticas de transformação da realidade objetiva, pois ao aliar-se reflexão teórica e ação prática em unidade dialética, consegue-se movimento o processo de construção e desenvolvimento da consciência dos sujeitos numa direção crítica, humanizadora e emancipatória pois, parafraseando Saviani (2000), há que se transformar a consciência dos sujeitos que irão transformar a sociedade.

4. Conclusões

Nesse caminho de construção dialética, é importante lembrar que o trabalho social, crítico e transformador representa a possibilidade mais efetiva de ampliação do campo de atividades dos sujeitos, pois é através da práxis que garante uma relação significativa entre teoria crítica e prática crítica, que os sujeitos se colocam diante das forças produtivas fundamentais para transformá-las em seu benefício e de seu grupo-comunidade, sendo que esse processo torna-se essencial na produção da consciência e personalidade humana (Heller, 2000). Isso implica compreender a importância de se realizar junto aos sujeitos do processo de pesquisa intervenção-formativa, atividades coletivas que tenham um caráter de responsabilidade, participação e valorização social; atividades que permitam aos sujeitos refletirem acerca da realidade concreta, para que possam, durante a atividade coletiva, pensar possibilidades de transformação da realidade e agirem de forma consciente e compartilhada para enfrentarem os problemas solidariamente com vistas a melhoria da qualidade de vida cotidiana com olhos, braços, pernas e consciência voltados para processos de transformação mais amplos no âmbito da sociedade.

Torna-se importante reiterar que a viabilização desse processo de transformação da realidade objetiva dos sujeitos do campo implica, simultaneamente, a transformação qualitativa da subjetividade desses sujeitos e construção de suas consciências numa direção crítica e transformadora como sujeitos da práxis, tal como afirma Vazquez (1969). Nesse processo de construção da práxis, engendrado pelo processo de pesquisa intervenção-formativa, não se deve perder de vista que a transformação

subjetiva dos sujeitos e a transformação objetiva da realidade dos sujeitos assentados do campo, somente se efetivará pela via da ação, da atividade coletiva voltada à elevação dos seres humanos a categoria de sujeitos conscientes de sua condição social e seu papel na sociedade (no assentamento e como militante do MST), porque forjados na práxis, e apropriados de conhecimentos que possibilitam uma leitura realista e fidedigna da realidade social.

O processo de construção de consciência humana, passa, necessariamente, pela construção de atividades prático-teóricas pois há que se teorizar a prática cotidiana dos sujeitos e, ao mesmo tempo, passa por atividades teórico-práticas, pois há que se apropriar de conhecimentos científicos e críticos para se analisar a prática social dos sujeitos, com vistas a construção de condições diferenciadas de aprendizagem, desenvolvimento e humanização por meio de processos educativos-formativos orientados para a emancipação humana e social.

5. Principais referências

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Hucitec, 2000.

KOSIK, K. *A dialética do concreto*. São Paulo: Cortez, 1996.

LEFEBVRE, H. *Lógica formal/lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MARX, K. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

NOVACK, G. *Introdução à lógica marxista*. São Paulo: Ed. Inst. José Luis e Rosa Sundermann, 2006.

OLIVEIRA, B. *A dialética do singular-particular-universal*. In: MARTINS, S. T. F.; SILVA, N. R.; ABRANTES, A. A. (Org.). *Método histórico-social na psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 25-51.

OLIVEIRA, B. *O trabalho educativo: reflexões sobre paradigmas e problemas do pensamento pedagógico brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 1996.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

VIEIRA PINTO, A. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VIOTTO FILHO, I. A. T. *Apresentação - processo grupal e construção coletiva do conhecimento: a história do GEIPEEthc*. São Carlos: Pedro & João, 2018.

VIOTTO FILHO, I. A. T.; NUNES, R. L.; SANTOS, A. N.; FELIX, T. P. *Processo grupal e práxis científica educativa: a história do GEIPEEthc*. São Carlos: Pedro & João, 2018.